

RONDON

Conferência pronunciada no Clube Naval
em 24 de março de 1965

pelo Dr. HENRIQUE PINTO MAGALHÃES

Sócio do Instituto de Colonização Nacional e Membro de sua Comissão Promotora das Comemorações do Centenário de Nascimento do Marechal CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, fomos incumbidos, pelo seu Presidente, de realizar esta conferência a respeito desse insigne vulto brasileiro, como parte de um programa de profundo teor cívico.

Consideramos, desde logo, uma alta honra para nós, que confessamos, desde os albores da nossa juventude, já sentíamos uma grande curiosidade pela admirável personalidade do maior dos sertanistas de nossa pátria.

Muita vez, quando dêle ouvíamos falar ou quando líamos sobre seus feitos, nossa imaginação, depois de percorrer as vastas áreas brasílicas que êle na realidade palmilhou em meio aos maiores perigos, sofrendo as intempéries que lhe vinham desde a natureza causticante dos sóis sertanejos, os rios profundos, os abismos e as quebradas, as feras, as tempestades aterradoras — embalava-se na ternura com que êle se dedicava aos nossos irmãos daquelas longínquas e desconhecidas regiões, tidos mui injustamente como ferozes animais em forma de homens.

E nós, levados pelas leituras que nos pareciam tão aventureosas, não sabíamos que mais admirar no desbravador intemerato — se a coragem, o desvêlo no trato com is Carajás, Parecis e Terenos ou o desprendimento na ação que desenvolvia e que o tornava, para nossa celebração de môço, um semideus, não apenas, das selvas, mas, de todo o país, que lhe rendia as homenagens do maior respeito.

Posteriormente, passamos a compreender a sua grande missão e aquilatar da extraordinária envergadura de seu nobre caráter. Foi por êsse motivo, que recebemos com emoção essa elevada incumbência. E ainda porque é-nos grato declarar, estamos falando a homens os mais ilustres de nossa terra, na casa da nossa gloriosa Marinha de Guerra que conta em seu acervo com as figuras sertanistas inconfundíveis de José Cândido Guilhobel, Braz Dias de Aguiar, Ferreira da Silva e de tantos outros grandes vultos de Marinheiros de tão longa fôlha de serviços relevantes prestados à pátria.

Foi graças ao Exército, que pôde, o então jovem tenente RONDON, encetar a sua gloriosa marcha pela integração do índio no centro da civilização brasileira.

A vida de RONDON foi marcada por infinitas dificuldades que a natureza, tantas vezes inclemente, o castigou. Mas, tudo isso serviu, apenas, para enrijar-lhe mais a têmpera e tornar-lhe criatura indômita cuja obra ainda não foi suficientemente apreciada, embora fulgurantes talentos a tenham estudado e divulgado com o maior brilho.

São portanto, senhores e senhoras, despretensiosas as palavras que vamos proferir neste programa comemorativo do centenário de nascimento do Civilizador dos Sertões Brasileiros.

Nasceu o Marechal CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON a 5 de maio de 1865 no lugar denominado Mimoso, Distrito do Município de Santo Antonio de Leverger, no Estado de Mato Grosso. Foram seus pais Cândido Mariano da Silva e dona Claudina de Freitas Evangelista.

Na verdade não conhecera seu pai, que falecera cinco meses antes de seu nascimento, e, por fatalidade, perdera sua mãe aos dois anos e meio de idade.

Órfão de pais, ficara então aos cuidados de seu avô materno João Lucas Evangelista, junto a quem vivera até aos 7 anos de idade e aprendera as primeiras letras com Jacinto Heliodoro de Almeida, fluminense de nascimento, que participara da guerra do Paraguay como sargento.

Em 1873 o menino Cândido foi para Cuiabá viver em companhia de seu tio Manoel Rodrigues da Silva, onde terminou seu curso primário em 1878, ingressando no ano seguinte na Escola Normal, depois transformada em Liceu Cuiabano.

Aos 16 anos, isto é, em 1881, RONDON concluiu com distinção o curso Normal e era nomeado professor primário.

Nos fins desse mesmo ano de 1881 já era praça no Quartel do antigo acampamento Couto de Magalhães em Cuiabá, com destino à Escola Militar da Praia Vermelha. Já no Rio, depois de revalidar o seu curso Normal, mediante exames prestados no Externato do Colégio Pedro II, ingressara no ano de 1883, na Escola Militar.

Antes de terminar esta primeira fase da vida do RONDON, cabe uma pergunta: porque não tendo seus pais o sobrenome "RONDON" aparece ele com este apelido? Seu tio Manoel Rodrigues da Silva, tendo um homônimo cujas falcatruas andavam pelos jornais, resolveu acrescentar ao seu nome o apelido de sua mãe — RONDON — E passou, pois, a assinar-se MANOEL RODRIGUES DA SILVA RONDON. Assim é que, ao formar-se o Marechal adotou também o nome de RONDON, em homenagem ao tio que um dia quisera perfilhá-lo. Esse

tio dedicou-lhe grande afeição, pois que Cândido Mariano da Silva, seu irmão, confiara-lhe a criação e educação do menino mesmo antes do seu nascimento, pois que desconfiara não poder viver muito. Mas, desde a mais tenra idade esse menino desejou fazer-se por si mesmo, com suas próprias forças, demonstrando desde logo uma tenacidade sem par, firmeza de caráter sem igual, grande energia e uma irrepreensível honradez, que vencendo dificuldades, e não foram poucas, prestou mais tarde relevantes serviços à Pátria sob tão belo e humanitário lema:

"MORRER, SE FÔR PRECISO; MATAR, NUNCA!"

Mas vejamos sua vida na Escola Militar da Praia Vermelha. Órfão, paupérrimo, não tendo muitas vezes uma camisa para vestir, sem livros porque não os podia comprar, conseguia, no entanto, manter-se limpo, disciplinado, obedecendo rigorosamente aos horários regulamentares e alcançando sempre os primeiros lugares no decorrer de todo o curso.

Durante o período que foi Cadete, não se afastou da Escola um só dia, não conhecendo distrações, a não ser os poucos momentos de "cavaco", com os de "sua casa", como eram chamados os agrupamentos na Escola Militar daquele tempo.

Constituiu "sua casa" com Alexandre e Antonio Leal, Fileto Pires Ferreira e Ovidio Abranches, sendo ainda seus grandes amigos Manoel Fontoura, que foi mais tarde Chefe de Polícia no Governo Artur Bernardes, e Jorge Octaviano da Silva Pereira.

Também a revista "Família Acadêmica", mantida por Lauro Müller, Euclides da Cunha, Moreira Guimarães e outros, não prescindiu de sua valiosa e sempre pronta colaboração.

Cadete dos mais briosos e brilhantes e sempre com os olhos voltados para um ideal, RONDON era em meados de 1888 declarado "Alferes Aluno", e naquele mesmo ano, ingressando na antiga Escola Superior de Guerra, terminou o estudo de Matemática Superior — tendo ainda como professor o seu amado Benjamin Constant. Pouco tempo depois era desligado daquela Escola de altos estudos, com o título de Engenheiro Militar e o diploma de Bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais. Mas já íamos nos adiantando, pois não poderíamos deixar de consignar a atuação que teve RONDON na proclamação da República. Na madrugada de 15 de novembro de 1889, fardou-se e encaminhou-se para o 2º Regimento de Artilharia que ficava em São Cristóvão. Ali também chegou aproximadamente às 2 horas da madrugada Benjamin Constant, que, em seguida, passou a conferenciar com os oficiais presentes e logo ficou resolvido que se indagasse da Marinha se não opunha nenhum obstáculo à saída da Brigada Estratégica constituída do 1º Regimento de Cavalaria, do 9º Regimento de Cavalaria e do 2º Regimento de Artilharia a cavalo.

Essa tropa rebelada do Exército procurava contato com os oficiais revoltados da Marinha e para estabelecer esse contato tão necessário naquela emergência, foi RONDON, acompanhado de Tasso Fragoso, o escolhido para a galopada de São Cristóvão ao Clube Naval, que naquele tempo ficava situado no Largo do Rossio. Do cumprimento de tão difícil missão resultou a resposta do Almirante Waldenkolk e desta, o desafogo total da tropa para, com Deodoro à frente, derrubar a Monarquia e proclamar a República.

Por serviços relevantes prestados à causa republicana, alguns meses depois, RONDON era promovido a 2º Tenente e logo depois, a 1º.

Não tardou, no entretanto, que RONDON, nomeado ajudante do então Major Antonio Ernesto Gomes Carneiro, pudesse juntar o seu ideal republicano ao sertanismo que lhe dominava o espírito, sob a influência do meio em que nascera e do sangue que lhe corria nas veias. E é assim que lá vai ele para uma das comissões encarregadas da construção de linhas telegráficas e estradas estratégicas. E daí em diante sua vida não pára, depois de professor na Escola Militar, nas difíceis disciplinas de Astronomia e Mecânica Racional, regressa a Mato Grosso como inspetor dos destacamentos ao longo da linha telegráfica de Uberaba a Cuiabá e Engenheiro-Chefe do 16º distrito telegráfico. E com algumas alternativas em várias comissões que lhe proporcionaram outros trabalhos, o grande brasileiro vasculha todo o Estado de Mato Grosso, avança em direção de Goiás e atinge o Amazonas, depois de estender quase 2.500 quilômetros de linhas telegráficas e montar aproximadamente 30 estações, isso sem esquecermos os levantamentos de rios, a determinação de coordenadas geográficas, pacificação de várias tribos e sua ação decisiva na questão entre a Colômbia e o Peru, concluída com o protocolo de Leticia. As expedições científicas que realizou sertão adentro em companhia de Theodore Roosevelt e o muito que fez a favor dos nossos indígenas, deram-lhe auréola de glória por vezes — senhores e senhoras — imaginamos essa personalidade de RONDON aplicada aos nossos dias. Não é que não tenhamos, hoje, homens honrados, os temos, e os exemplos estão aí à mostra e bem identificados. Também não nos faltam patriotas nem caracteres bem formados, — o Brasil os possui e os conhece e o povo os destaca. Mas, perdoe-nos o auditório, se na nossa concepção, vai uma injustiça — desconhecemos homens na atualidade ou na realidade brasileira da tempera sertanista de RONDON — e, nota-se, hoje, os meios são outros, as técnicas avançadas, as comunicações mais rápidas. O sertanismo de RONDON era sertanismo mesmo — sertanismo isolado, sertanismo heróico. Sem dúvida alguma RONDON foi a expressão brasileira máxima do desprendimento, da tempera, do mais puro e são nacionalismo e também do homem público.

O tempo de RONDON era outro — é verdade — mas, hoje, é que o nosso imenso Brasil precisa muito e muito de RONDONS, não só-

mente para a catequese dos índios, mas ainda para o sertão, e como bravos intensificarem a produção nacional, base de nossa economia e sobrevivência como nação independente.

Não há que duvidar, pois que o Brasil, a partir do movimento revolucionário de 1930, passou a se integrar num sistema próprio com capacidade de desenvolvimento autônomo, e vem acelerando o seu ritmo de expansão depois da 2ª guerra mundial. Pelo confronto de certos dados da ciência econômica é fácil avaliar-se o pulo do nosso desenvolvimento, o qual se mostra sob certos aspectos bastante promissor. Basta verificar-se o índice de produção real do País, que triplicou e quase quadruplicou nesses últimos anos, alcançando a produção industrial um aumento grande, e não se diga que a agricultura não cresceu. É verdade, o País industrializa-se e também cresce a sua capacidade produtiva. Resta indagar com que eficiência está sendo utilizada esta capacidade produtiva. É a medida dessa exata eficiência que melhor revela a adequação ou inadequação de um plano de melhor desenvolvimento econômico, porque depende em grande escala da validade dos critérios que orientam os investimentos, a marcha de expansão de um determinado sistema econômico.

Aliás, o desenvolvimento econômico do Brasil, quando medido através da renda *per capita*, não pode ser negado. Mas se procurarmos medi-lo através da distribuição exata das rendas pelos diferentes grupos sociais, mostra-se êle bem menos efetivo. Não há que negar que o progresso social não se exprime somente pelo volume de renda total ou pela renda média *per capita*, que é uma abstração e sim pela sua real distribuição. E esta distribuição cada vez mais se restringe em certas e determinadas áreas e nas mãos de certos e conhecidos grupos. É preciso que se destruam as resistências causadoras desse desequilíbrio e se prossiga no desenvolvimento econômico do País.

Mesmo industrializando-se, a economia brasileira seguia as pegadas de uma economia tipo colonial, politicamente desinteressada da sorte da maioria, apenas, isto sim, preocupada em enriquecer mais os já enriquecidos dada a estrutura econômica em vigor. E é sob êste aspecto desequilibrante que o nosso desenvolvimento econômico não corresponde a uma exata aspiração do povo brasileiro.

No campo da produção, precisamos sair do teorismo para a vivência básica nas verdadeiras regiões da produção.

A produção maciça para o consumo interno e com isso elevarmos o padrão de vida do nosso povo e a produção exportável para a eliminação do descontrôle dos pratos da nossa balança comercial.

Se não temos problemas de terra, e se a nossa terra é das mais férteis, o que fica a nos faltar no plano agrícola é trabalho (através de uma agricultura racionalizada e mecanizada), é esforço, é execução prática, e se o nosso homem é capaz e isso já está comprovado sobejamente no plano da indústria, resta o planejamento, a maquinaria, a execução.

Essas considerações, senhoras e senhores, não fogem ao tema desta palestra, até pelo contrário, vem bem em seqüência, dizem mesmo respeito a decisões, a execuções, a audácia, a braços, a sertão, a preocupações, a estudos, a RONDON.

É sabido e os melhores estrategistas sabem que em tempo de guerra o esforço deve ser geral e total e que tudo precisa ser executado no tempo exato. Pois bem, simulemos e nem precisa simular, o subdesenvolvimento como inimigo comum entrincheirado pelos nossos sertões a dentro e o enfrentemos com pás, enxadas, sementes, máquinas, produção, chaminés, tudo em decisões positivas, rápidas, movimentadas, envolventes, decididas e decisivas.

As armas estão aí, o homem do campo e o trabalhador das cidades, esperam apenas a ordem de comando.

Pode ser visão, mas uma arrancada dessas, após esconder-se o sol à tarde e no alvorecer seguinte teremos um Brasil grandioso, forte, sadio, belo e respeitado.

Mas, a esta altura, a nossa palestra já vai caminhando para o fim, e não poderíamos lembrar RONDON esquecendo o índio — aquele para o qual viveu e, se preciso fôsse, teria sacrificado a própria vida, pois que renunciou a toda a espécie de conforto, às alegrias do ambiente familiar, a qualquer espécie de distração e mesmo ao convívio social para a êle, — o índio — dedicar-se de corpo e alma.

Para RONDON, o índio brasileiro foi sempre alvo de maior carinho, tanto na consideração dos diferentes aspectos do problema humano, como na fixação de uma política de proteção mais consistente com a integração e segurança nacionais.

Só há uma maneira de definir o índio, embora alguns o chamem de bugre, bruto, bicho, é êle um ser humano, necessitando de mais amparo e cuidado pelo muito que já tem contribuído para o progresso da nossa nacionalidade.

Três qualidades são preciosas no índio brasileiro — o misticismo, o espírito militar e a capacidade econômica, isto é, o valor como trabalhador afeito aos rudes misteres de sua região.

Não há, no dizer do general Frederico Augusto Rondon, notícia de índios materialistas. O brasilíndio, no entender dêle, é espiritualista, imperfeito é verdade, pois admite o sobrenatural e por vêzes o teme, a prova está que êle se sujeita a catequese religiosa. A sua sujeição desde a infância, o seu espírito de disciplina, o aproxima do soldado, e o aparato militar encanta-o, recordando-lhe, de algum modo, o ritual de sua tribo.

Não há, a esta altura, como duvidar também do valor econômico do índio, como elemento de exploração de sua área.

Para o General Frederico Augusto Rondon, sobrinho do grande MARECHAL RONDON, a solução ideal do problema indígena, está na

proteção dos adultos, segundo o grau de cultura atingido, levando-lhes o mínimo de coação no sentido do progresso; na educação dos menores, em convivência com os meninos civilizados, nos moldes dos colégios missionários, na localização dos núcleos militares ou agrícolas, nas proximidades das aldeias, sempre que possível, para que exerçam atração sobre o índio arredio. Jamais no isolamento sistemático que seria condenar as novas gerações indígenas à barbárie do passado.

Aliás, esse grande estudioso e sucessor do grande RONDON, dada a sua grande experiência em comissões sertanistas, chega a sugerir a criação de uma reserva indígena, constituída de índios em idade militar e pré-militar, enquadrados por elementos selecionados nas reservas das Forças Armadas. Adianta esse ilustre militar que é ainda este o recurso que se pode dispor em face da Constituição Federal para o controle dos silvícolas e sua eficiente proteção. Acha mesmo de grande vantagem a prestação de serviço militar, do índio em sua própria zona, atendendo-se em parte, a sua índole.

Não há, realmente, que hesitar. Precisamos com mais pressa conquistar todo o nosso território, que mais parece um continente — e nesse sentido o trabalho do índio se torna necessário e valioso. Em nosso humilde entendimento, é enorme a missão do Serviço de Proteção aos Índios. O trabalho desta instituição deveria ser a de ajustar o índio às novas condições de vida e defendê-lo da intervenção dos maus pioneiros.

A missão do Serviço de Proteção aos Índios é enorme e relevante, e, por isso mesmo, bastante difícil. O atual Diretor de tão importante Serviço, segundo soubemos, está tentando reorganizá-lo, pois que o encontrou desmoralizado e mergulhado em negócios pouco confessáveis. Todavia, mediante obtenção de boas verbas, deseja reerguê-lo.

Quer tornar o índio auto-suficiente. Tem plano para instalar grandes fazendas de trabalho indígenas, construir casas, escolas e hospitais. Tem mesmo em vista a possibilidade de obter uma legislação mais atualizada para o índio, que o obrigue, inclusive, a prestação de serviço militar.

Quando se fala em tribos indígenas é comum pensar-se viverem elas em pontos os mais distantes e isolados no hinterland brasileiro, mas na verdade, podemos encontrá-las distribuídas por todo o território nacional. Algumas integradas na sociedade, outras isoladas, outras ainda, em contato intermitente e, finalmente outras, em contato permanente.

Diante desse quadro, temos que o problema de integração do índio em nosso meio, não é de ontem, continua sendo de hoje, a necessitar de muito trabalho e de uma dose grande de patriotismo e

Essas considerações, senhoras e senhores, não fogem ao tema desta palestra, até pelo contrário, vem bem em seqüência, dizem mesmo respeito a decisões, a execuções, a audácia, a braços, a sertão, a preocupações, a estudos, a RONDON.

É sabido e os melhores estrategistas sabem que em tempo de guerra o esforço deve ser geral e total e que tudo precisa ser executado no tempo exato. Pois bem, simulemos e nem precisa simular, o subdesenvolvimento como inimigo comum entrincheirado pelos nossos sertões a dentro e o enfrentemos com pás, enxadas, sementes, máquinas, produção, chaminés, tudo em decisões positivas, rápidas, movimentadas, envolventes, decididas e decisivas.

As armas estão aí, o homem do campo e o trabalhador das cidades, esperam apenas a ordem de comando.

Pode ser visão, mas uma arrancada dessas, após esconder-se o sol à tarde e no alvorecer seguinte teremos um Brasil grandioso, forte, sadio, belo e respeitado.

Mas, a esta altura, a nossa palestra já vai caminhando para o fim, e não poderíamos lembrar RONDON esquecendo o índio — aquele para o qual viveu e, se preciso fôsse, teria sacrificado a própria vida, pois que renunciou a tôda a espécie de conforto, às alegrias do ambiente familiar, a qualquer espécie de distração e mesmo ao convívio social para a êle, — o índio — dedicar-se de corpo e alma.

Para RONDON, o índio brasileiro foi sempre alvo de maior carinho, tanto na consideração dos diferentes aspectos do problema humano, como na fixação de uma política de proteção mais consensual com a integração e segurança nacionais.

Só há uma maneira de definir o índio, embora alguns o chamem de bugre, bruto, bicho, é êle um ser humano, necessitando de mais amparo e cuidado pelo muito que já tem contribuído para o progresso da nossa nacionalidade.

Três qualidades são preciosas no índio brasileiro — o misticismo, o espírito militar e a capacidade econômica, isto é, o valor como trabalhador afeito aos rudes mistérios de sua região.

Não há, no dizer do general Frederico Augusto Rondon, notícia de índios materialistas. O brasilíndio, no entender dêle, é espiritualista, imperfeito é verdade, pois admite o sobrenatural e por vezes o teme, a prova está que êle se sujeita a catequese religiosa. A sua sujeição desde a infância, o seu espírito de disciplina, o aproxima do soldado, e o aparato militar encanta-o, recordando-lhe, de algum modo, o ritual de sua tribo.

Não há, a esta altura, como duvidar também do valor econômico do índio, como elemento de exploração de sua área.

Para o General Frederico Augusto Rondon, sobrinho do grande MARECHAL RONDON, a solução ideal do problema indígena, está na

proteção dos adultos, segundo o grau de cultura atingido, levando-lhes o mínimo de coação no sentido do progresso; na educação dos menores, em convivência com os meninos civilizados, nos moldes dos colégios missionários, na localização dos núcleos militares ou agrícolas, nas proximidades das aldeias, sempre que possível, para que exerçam atração sobre o índio arredio. Jamais no isolamento sistemático que seria condenar as novas gerações indígenas à barbárie do passado.

Aliás, esse grande estudioso e sucessor do grande RONDON, dada a sua grande experiência em comissões sertanistas, chega a sugerir a criação de uma reserva indígena, constituída de índios em idade militar e pré-militar, enquadrados por elementos selecionados nas reservas das Forças Armadas. Adianta esse ilustre militar que é ainda este o recurso que se pode dispor em face da Constituição Federal para o controle dos silvícolas e sua eficiente proteção. Acha mesmo de grande vantagem a prestação de serviço militar, do índio em sua própria zona, atendendo-se em parte, a sua índole.

Não há, realmente, que hesitar. Precisamos com mais pressa conquistar todo o nosso território, que mais parece um continente — e nesse sentido o trabalho do índio se torna necessário e valioso. Em nosso humilde entendimento, é enorme a missão do Serviço de Proteção aos Índios. O trabalho desta instituição deveria ser a de ajustar o índio às novas condições de vida e defendê-lo da intervenção dos maus pioneiros.

A missão do Serviço de Proteção aos Índios é enorme e relevante, e, por isso mesmo, bastante difícil. O atual Diretor de tão importante Serviço, segundo soubemos, está tentando reorganizá-lo, pois que o encontrou desmoralizado e mergulhado em negócios pouco confessáveis. Todavia, mediante obtenção de boas verbas, deseja reerguê-lo.

Quer tornar o índio auto-suficiente. Tem plano para instalar grandes fazendas de trabalho indígenas, construir casas, escolas e hospitais. Tem mesmo em vista a possibilidade de obter uma legislação mais atualizada para o índio, que o obrigue, inclusive, a prestação de serviço militar.

Quando se fala em tribos indígenas é comum pensar-se viverem elas em pontos os mais distantes e isolados no hinterland brasileiro, mas na verdade, podemos encontrá-las distribuídas por todo o território nacional. Algumas integradas na sociedade, outras isoladas, outras ainda, em contato intermitente e, finalmente outras, em contato permanente.

Diante desse quadro, temos que o problema de integração do índio em nosso meio, não é de ontem, continua sendo de hoje, a necessitar de muito trabalho e de uma dose grande de patriotismo e

abnegação. O nosso índio, ao contrário do entender de muitos, sempre foi um bravo, um forte. Chegou a inspirar a prosa admirável de José de Alencar, na figura heróica de Peri e na suave beleza de Iracema.

Não desprezemos a lição dos que criaram êsse belo movimento que foi o indianismo, que realmente solidificou a consciência nacional, pondo-nos diante de uma das três raças formadas do mestiço brasileiro, a fim de reconhecer-se o seu valor e a sua inestimável contribuição na formação dessa índole nobre, generosa e cavalheiresca do povo brasileiro.

RONDON, tendo a seu lado Frutuoso Mendes, Heron Keller, irmãos Horta Barbosa e outros, realizou no interior do Brasil um verdadeiro poema de brasilidade e de compreensão humana, só comparável à poesia de Gonçalves Dias, com sua tristeza ante a dor da terra, ferida um dia pelas futuras raízes brotadas da semente, na frase de Ronald de Carvalho, tristeza diante da miséria do homem rude que plantava, sofrendo, o grão que seria mais tarde o pão dourado na mesa do homem feliz...

É que há atos que, na sua sublimidade, se revestem dos encantos e da beleza dos poemas. Daí porque a Casa de Richelieu acolheu sempre no seu seio militares do porte de Liautey e de Weigand.

Por isso mesmo seja-nos permitido exaltar a glória imperecível do militar RONDON, recordando êstes versos do poeta Gonçalves Dias, na introdução dos Timbiras:

*"Cantor das selvas, entre breves matas
Aspero tronco da palmeira escolho
Unido a êle solitarei meu canto,
Enquanto o vento nos palmares zune,
Rugindo os longos encontrados leques"*

Minhas senhoras e meus senhores: RONDON, dotado de grande valor moral e intelectual foi chefe extraordinário. Venceu tôdas as batalhas que travou, sempre voltado para o ideal do servir à humanidade através da Pátria e da Família.

RONDON foi o grande herói, que nunca, nunca o Brasil esquecerá.

